

Erguendo a Pandorga em Porto Alegre: como ocorre uma Ocupação Urbana na Capital?

CERPA, Tâmara Circe.

**JOHN, Júlia Castro.
DIAS, Renato Duro.
tamaracerpa@yahoo.com.br**

**Evento: xxxtabela CNPq,XXXXXXXXXX xxx
Área do conhecimento: xxxxxxxxxxxxxxxxxxx**

Palavras-chave: ocupação, centro cultural, capital

1 INTRODUÇÃO

A Ocupação Pandorga, encontra-se na Rua Professor Freitas e Castro, 191, bairro Azenha, Porto Alegre. O bairro Azenha é repleto de vilas, sendo o endereço da ocupação conhecido e de interesse das comunidades que haja uma reflexão sobre sua função social de propriedade. O ato de tomar este espaço tem, como tantas outras ocupações, uma evidente importância de contestar o papel social de quem não habita os centros urbanos. A inacessibilidade a cultura e à construção político/ideológica do indivíduo, nos faz questionar qual é a solução deste déficit nas comunidades carentes em tempos de crescentes especulações imobiliárias e como conceder propriedade, lazer e mídia alternativa às vítimas deste sistema exclusivo. O objetivo deste trabalho é acompanhar os primeiros processos jurídicos legais desta ocupação e problematizar o conceito de propriedade levando em conta o contexto em que a mesma se encontra.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Para possibilitar o acompanhamento do processo jurídico desta ocupação, far-se-á necessária a análise das leis nº 10.257, de 10 de julho de 2001 e 6.766, de 19 de dezembro de 1979, que compõem o Estatuto da Cidade, após esta análise poderá ser problematizado o conceito de propriedade do Art. 5º da Constituição da Republica Federativa do Brasil, levando em conta a hermenêutica do texto constitucional e como ferramenta adicional os livros "O que é propriedade?" de Pierre-Joseph Proudhon e "Cidades Rebeldes" de David Harvey.

3 PROCEDIMENTO METODOLÓGICO

Entrevistas com ativistas e estudiosos de processos de ocupação urbana. A coleta de dados aparentemente aleatórios nas conversas ficam sujeitas a procura

pela veracidade destes, quando comprovadas contribuem para o avanço da discussão. O trabalho aprofunda-se na realidade justamente por analisar as singularidades e problemáticas atribuídas a uma única ocupação: a Pandorga.

4 RESULTADOS e DISCUSSÃO

Sem um número concreto de quantas ocupações há na cidade, o termo ‘ocupação’ é utilizado por ativistas na sua ampliada definição, para vilas e periferias também. A discussão até o momento se deu em entrevista com três pessoas que ajudaram na articulação de toma do espaço. Atualmente são 24 pessoas que gestionam a agenda de atividades que conta com oficinas de teor artesanal, vida circense e trabalho pedagógico com as crianças dos arredores, cine debates, dentre outros.

Figura 1 – Portão 2 da Ocupação Pandorga.



Fonte: Tâmara Cerpa, 31 de julho, sexta-feira, 2015. Porto Alegre.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A marginalização da população pela baixa renda e a falta de trabalho realmente efetivo em um plano político que vise habitações de qualidade, inspiram este trabalho a entender um dos métodos de escape e contestação das classes desfavorecidas. Acompanhar e compreender como se dá uma ocupação e como reage os arredores desta.

REFERÊNCIAS

PROUDHON, Pierre-Joseph. O que é propriedade?. Lisboa, 1975.

HARVEY, David. Ciudades Rebeldes - Del derecho de la ciudad a la revolución urbana. Madrid, 2013.

Brasil. Senado Federal. Estatuto da Cidade, Brasília, 2004 .